

Dossiê:

*Processo migratório e
circularidade de ideias*

Circularidade de ideias na obra Emigração e colonização, de Arsène Isabelle

Circularity of ideas in the book Emigration and colonization, by Arsène Isabelle

*Marcos Antônio Witt**

Resumo: Ao analisar o livro *Emigração e colonização*, de Arsène Isabelle, o presente texto tem como objetivo mapear as ideias que se encontram na referida obra, especialmente, as ideias que estão conectadas ao projeto de colonização formulado, defendido e publicado pelo autor. Como viajante, suas palavras escritas conectaram mundos distantes, como a da Europa, dos Estados Unidos e da América do Sul; como intelectual, dialogou com autoridades, como o presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Francisco José de Souza Soares de Andréia; como funcionário público no Uruguai e cônsul francês nesse país, soube defender e a quem dirigir seu projeto de colonização. Suas múltiplas experiências, como

Abstract: By analyzing the book *Emigration e colonization*, written by Arsène Isabelle, the present text has as objective to map the ideas that are stated in the cited book. Particularly, the ideas that are connected to the colonization project formulated, defended and published by the author. Being a traveller, his written words connected distant worlds, such as Europe, The United States and South America; as an intellectual he interacted with authorities, like the president of the Rio Grande do Sul Province, Francisco José de Souza Soares de Andréia; as a civil servant and French consul in Uruguai, he knew how to defend his project and also to whom direct his colonization project. His multiple experiences as a traveler and

* Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor no Programa de Pós-Graduação em História e no curso de Especialização em História do Rio Grande do Sul, na Unisinos. Coordenador do Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros (NETB), vinculado ao PPG-História da Unisinos. Coordenador do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) – área de História, desde 2012. Professor associado no Instituto Histórico de São Leopoldo, na Associação Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras e na Asociación de Historiadores Latinoamericanistas Europeos (Ahila). *E-mail:* mawitt@unisinos.br

viajante e empreendedor, permitiram que formulasse e divulgasse um amplo espectro de ideias que se referem à proposta de emigração e colonização para o Sul da América.

entrepreneur, enabled him to formulate and disseminate a wide range of ideas that are referred to the proposal of emigration and colonization for the South of America.

Palavras-chave: Ideias. Colonização. Viajantes.

Keywords: Ideas. Colonization. Travelers.

Os imigrantes viajaram em navios e saindo de suas aldeias, passando por portos europeus, trouxeram malas e baús mais ou menos carregados de roupas, ferramentas, pequenos objetos e utensílios e alguns livros. Essa seria a bagagem material que a maioria dos indivíduos e famílias trouxe para a América desde o início do século XIX. No entanto, outro arsenal acompanhou os e/i/migrantes ao longo de sua jornada. Palavras e ideias escritas ou faladas, cultas ou informais, formuladas em dialetos e expressas por crianças, jovens e idosos, desafiavam os aliciadores e capitães das embarcações quando os viajantes tinham algo a solicitar ou reclamar. Por certo, as terras, as plantas e os animais americanos – especialmente aqueles veiculados na publicidade dos representantes do Império brasileiro – se constituíram os principais motivos para a emigração. No entanto, palavras e ideias expressas de múltiplas formas se transformaram em armas poderosas quando houve a necessidade de se reivindicar o que foi prometido (mas não cumprido) pelas autoridades brasileiras.

A chegada da Corte portuguesa ao Brasil, em 1808, trouxe novidades para o território ainda colonial. A abertura dos portos permitiu a entrada de estrangeiros de duas grandes categorias: intelectuais, como: artistas, pintores, cientistas – muitos na condição de viajantes – e imigrantes de diversas origens e posições. Em um primeiro momento, cidades (como Salvador e Rio de Janeiro) serviram de base para imigrantes que desejavam estabelecer negócios no novo reino; porém, muito rapidamente, Dom João VI colocou em prática algo revolucionário para o Brasil do início do XIX: importar imigrantes agricultores para produzir alimentos, dinamizar o artesanato e captar homens para integrar as tropas do Exército português em solo americano. Com todas essas medidas, palavras e ideias adentraram o antigo território colonial – e já novo reino – de forma rápida e impactante.

Portanto, o Brasil existente até 1808 deixou de existir. Viajantes e imigrantes passaram a integrar os cenários urbano e rural do reino que, em poucos anos, passaria à condição de Império independente. Livros, jornais, músicas, pinturas e outras manifestações, como a religião protestante da maioria dos imigrantes alemães, complexificaram o mundo cultural existente até o início dos Oitocentos. A chegada de Arsène Isabelle ao *Novo Mundo* se insere nesse contexto. Com o viajante, novas ideias chegaram à América – baseadas em sua bagagem cultural francesa, foram ressignificadas em solo americano e publicadas na forma de artigos e livros.

Ao analisar o livro *Emigração e colonização*, de autoria de Arsène Isabelle, o presente texto tem como objetivo mapear as ideias que se encontram na referida obra, especialmente, as que estão conectadas ao projeto de colonização formulado, defendido e publicado pelo autor. Como viajante, suas palavras escritas conectaram mundos distantes, como o da Europa, dos Estados Unidos e da América; como intelectual, dialogou com autoridades, como o presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Francisco José de Sousa Soares de Andréia;¹ como funcionário público no Uruguai e cônsul francês nesse país, soube defender e a quem dirigir seu projeto de colonização para o Sul da América. E mais: como imigrante estabelecido em Montevidéu, teve condições de conhecer e comparar as grandes porções da vasta região que percorreu em suas incursões. O que viu e presenciou como viajante foram complementados por relatórios oficiais, o que demonstra sua capacidade de inserção em múltiplos espaços físicos, mas também burocrático-administrativos.

Sobre Arsène Isabelle

Os estudos sobre viajantes e seus relatos normalmente abordam a trajetória de um indivíduo e sua produção – pintura, coleção, escritos. É incomum encontrar obra comparativa que coloque lado a lado mais de um viajante. Considerando que muitos estrangeiros percorreram o litoral e o sertão do Brasil na mesma época, é bastante provável que amizades e desavenças possam ter ocorrido em encontros pessoais e em relatos posteriormente publicados. Sobre a receptividade da obra produzida por Isabelle ainda no século XIX, Augusto Meyer, na introdução de *Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul*, publicado

pelo Senado Federal em 2006, apontou para certa rivalidade entre alguns viajantes.

Segundo Meyer, havia se formado um ambiente de desconfiança em torno de Isabelle, talvez por desconhecimento da sua obra. O viajante Nicolau Dreys, autor de *Notícia descritiva*, referiu-se com desdém a Isabelle na introdução do seu livro. Para Meyer, o conflito ficou evidente quando Dreys comparou Isabelle a outro francês, J. B. Douville. De acordo com Tostes,

depois de acompanhar o autor em sua viagem, não é possível compreender a má vontade do seu compatriota Nicolau Dreys, tachando o livro de superficial e comparando Isabelle ao incrível J. B. Douville... Esse aventureiro, que se dá os títulos pomposos de “secretário da Sociedade de Geografia e membro de várias instituições culturais francesas e estrangeiras”, limita-se a contar no seu opúsculo os dissabores por que passou em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, cidades que mal pôde observar, através das grades das prisões em que o hospedaram por suas falcatuas. É injusto que o autor da *Notícia Descritiva*, tão reservado e frio nos seus julgamentos, nivelasse o nome e a obra insignificante desse infeliz mistificador ao nome e à obra do francês honesto que amou e compreendeu a América, a ponto de fazer dela a sua segunda pátria. (Apud ISABELLE, 2006, p. 14-15).

Ainda, segundo Meyer, Abeillard Barreto, “um profundo conhecedor desse gênero de trabalhos e, sem dúvida, a maior autoridade em matéria de bibliografia rio-grandense, dizia de passagem, numa de suas notas às Primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul” (MEYER apud ISABELLE, 2006, p. 13), que Isabelle sempre demonstrou aversão ao Rio Grande do Sul. Para Meyer, a observação foi injusta, e a desconfiança cristalizada em torno da obra e da própria figura de Isabelle só poderia ser dissipada através da tradução fiel de *Émigration et colonisation*, com prefácio elucidativo sobre o referido caso. É possível que a divergência entre os viajantes e o pronunciamento de Barreto tenham contribuído para a pouca difusão da obra de Isabelle. Para Dante de Laytano, “mais raro, ainda era o número dos que sabiam da existência desse estudo sobre imigração”. (Apud ISABELLE, 1983, p. 107). Percebe-se, desse modo, que o projeto mais significativo para Isabelle – o da emigração e da colonização – deixou de alcançar um público maior.

Havia, então, um embate em torno das ideias divulgadas e defendidas pelos viajantes. A busca de um mecenas, a possibilidade de realização de uma viagem, as oportunidades únicas para investigar fauna, flora e grupos humanos, a conquista de um emprego – no funcionalismo, como professor ou representante diplomático – podem ser considerados motivos plausíveis para a explosão de rivalidades entre os viajantes. No caso de Isabelle, sua trajetória singular em solo americano fez com que suas ideias adentrassem terrenos de maior alcance e magnitude.

Os dados biográficos indicam que Louis-Frédéric Arsène Isabelle chegou a Montevideú, Uruguai, no dia 28 de fevereiro de 1830, com 34 anos de idade. Longevo, viveu entre 13 de janeiro de 1807 e 1888, tendo nascido e falecido em Havre, França. Como comerciante, fundou uma indústria têxtil de seda, em Buenos Aires, em sociedade com Edouard Nouel. Com o insucesso do empreendimento fabril, Isabelle decidiu incursionar pela própria capital uruguaia, por Buenos Aires (Argentina) e pelo Rio Grande do Sul (Brasil), financiando suas próprias despesas. A excursão iniciou em 9 de novembro de 1833 em direção à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, estendendo-se até junho de 1834, permitindo que ele coletasse espécimes botânicos, geológicos e zoológicos; nesses momentos, aflorou sua veia naturalista.

De acordo com Mary Louise Pratt, todas as expedições da segunda metade do século XVIII mantinham alguma relação com a história natural. O grau de cientificidade do empreendimento e o fato de os viajantes serem (ou não) cientistas não desvincularam esse tipo de ação de pesquisas e estudos proporcionados pela história natural. Segundo a autora,

a coleta de espécimes, a construção de coleções, o batismo de novas espécies, a identificação de outras já conhecidas, tornaram-se temas típicos nas viagens e nos livros de viagem. Ao lado dos personagens de fronteira, como o homem do mar, o conquistador, o cativo, o diplomata, começava a surgir em toda parte a imagem benigna e decididamente letrada do “herborizador”, armado com nada mais do que uma bolsa de colecionador, um caderno de notas e alguns frascos de espécimes, não desejando nada mais do que umas poucas pacíficas horas com os insetos e as flores. Todos os tipos de relatos de viagem começaram a desenvolver pausas de lazer, preenchidas pelo estudo cavalheiresco da natureza. (PRATT, 1999, p. 59).

Se, por um lado, Isabelle atuou como cientista, por outro, mergulhou no mundo dos negócios. A análise apurada dos seus dados biográficos apontam para essa faceta pragmática do viajante: como comerciante, vislumbrou que os empreendimentos de colonização alavancariam o desenvolvimento dos territórios, os quais percorreu com nítido interesse empresarial. Segundo Dante de Laytano, “um dos sonhos constantes de sua vida era a instituição de uma grande empresa colonizadora”. (Apud ISABELLE, 1983, p. 6). As lutas políticas no Uruguai e outras dificuldades impediram-no de concretizar o empreendimento colonizador. Porém, em 1845, lançou as bases de suas ideias na obra *Projet de colonisation du littoral de la République Orientale de l'Uruguay*. Mais tarde, de posse do relatório de Andréia, Isabelle traduziu, comentou e acrescentou as observações do presidente da Província, dando origem à obra *Émigration et colonisation dans la province brésilienne de Rio-Grande-du-Sud, dans la République Orientale de l'Uruguay et tout le Bassin de la Plata*.

Dificuldades pessoais enfrentadas em solo americano se transformaram em empecilho para a concretização dos estudos e projetos que levariam à colonização de parte do Sul da América. Problemas econômicos, a perda dos dois filhos, o que o levou a viver como professor de francês e contabilidade e funcionário do Consulado da França, e o atropelamento por um bonde abalaram a saúde do homem que fez de si um viajante dedicado à ciência e ao comércio. Desde 1845, Isabelle redigia “o periódico ‘Le Patriote Français’, órgão partidário de Rivera, em oposição a Oribe, e que foi publicado de 2.2.1843 a 15.12.1850”. (DE LAYTANO, 1983, p. 6), no qual publicava notícias sobre sua experiência em solo sul-americano. Temas como navegação no rio Paraná, comércio francês no porto de Montevidéu, imigração e colonização e pauperismo e seus efeitos foram explorados em diversos artigos publicados naquele jornal uruguaio. No fim da vida, voltou ao Havre para exercer o cargo de cônsul, suicidando-se já octogenário.

Morales, ao complementar a biografia de Isabelle, enumera atividades profissionais e pessoais desempenhadas pelo viajante: atuou como cônsul francês, fundou uma família, investiu em negócios de grande escala, ocupou cargos na Aduana e na educação pública de Montevidéu. Além disso, viajou, conheceu o Paraguai, o Brasil e a Patagônia, publicou artigos como redator-chefe do jornal *Le Patriote Français*. Após vivenciar tantas experiências no Sul da América, Isabelle

já estava, conforme Morales, definitivamente ligado à vida do Prata. (MORALES apud DE LAYTANO, 1983, p. 102).

Os dados biográficos de Isabelle ainda são insuficientes para que se possa afirmar e detalhar a sua posição política. No entanto, a escrita de suas obras e a formação de redes, inclusive com políticos de maior envergadura, como o presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, permitem que se considere a possibilidade de o viajante atuar em causas liberais. O ataque a setores conservadores, como os latifundiários e militares, faz com que se possa identificá-lo como um liberal. Todavia, o posicionamento político de Isabelle deve ser aprofundado a fim de que se complete o perfil sociopolítico do viajante.

Sobre *Emigração e colonização*

Emigração e colonização, de Arsène Isabelle, foi publicado pela primeira vez em 1850, em Montevideu. Cem anos depois, o mesmo livro ganhou nova edição, com tradução de Belfort de Oliveira e prefácio de Augusto Meyer, sendo impresso pela Gráfica Editora Souza, no Rio de Janeiro, sob o patrocínio do Instituto Nacional do Livro. A obra, cujos temas centrais são a emigração e a colonização, tem como recorte cronológico a primeira metade do século XIX e, espacial, três regiões do Sul da América: a Província brasileira de São Pedro do Rio Grande do Sul, a República Oriental do Uruguai e a Bacia do Prata.

Ao tomar esse espaço como *locus* de investigação, Isabelle realizou um exercício comparativo tendo como foco a proposta de efetivação de inúmeros empreendimentos de colonização. Como autor e construtor desse exercício, Isabelle não informa ao leitor as suas pretensões comparativas. Da primeira à última páginas, não será encontrada nenhuma referência à comparação tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico. O comparar foi sendo construído à medida que o autor abordou cada um dos espaços, fazendo brotar do papel suas características mais relevantes. É como fonte histórica que as linhas produzidas por Isabelle podem ser incluídas nos difíceis e complexos métodos de comparação.

Assim, o deslocamento internacional – Brasil, Argentina e Uruguai – imprescindível para a comparação foi realizado por Isabelle ao decidir excursionar pelos espaços aqui descritos. O seu relato de viajante permite que o pesquisador se aproprie de uma descrição e da

realidade cristalizadas a partir das suas anotações. Portanto, é possível comparar as regiões do Sul da América mediante o que ficou registrado no seu caderno de campo. Ao unir as suas ideias às descritas e disponibilizadas no relatório do presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Isabelle criou um *corpus discursivo* (FOUCAULT, 1986, p. 6-9), fundamental para defender seu projeto de colonização. O texto metodologicamente construído foi dirigido a determinadas autoridades com objetivos muito bem-definidos, isto é, queira convencê-las de que a imigração de estrangeiros europeus significaria um avanço em termos de desenvolvimento econômico-social no cenário sul-americano.

O livro de Isabelle em questão: *Emigração e colonização*, está estruturado em três grandes partes: prefácio, frontispício da 1ª. edição, carta do autor ao Sr. John Lelong e introdução configuram a abertura da obra. A primeira parte é dedicada à Província do Rio Grande do Sul; a segunda parte, à República Oriental do Uruguai, e a terceira, à Bacia do Prata. O Apêndice, no final, compreende dez notas. Como viajante, Isabelle percorreu e anotou detalhadamente as inúmeras características de tão vasta região sem, contudo, disponibilizar um só mapa, desenho ou pintura para o leitor.² Mesmo que tenha dividido o livro em três partes, é possível comparar e estabelecer algumas proximidades entre as regiões descritas pelo autor. O primeiro exercício de comparação foi realizado por Isabelle, sobretudo na terceira parte, a qual tem como recorte espacial a Bacia do Prata. Ao se debruçar sobre tão vasta região, trouxe para o exercício de comparação os elementos dos territórios que a formavam.

Um segundo esforço em direção à comparação cabe ao leitor e/ou estudioso que toma a obra de Isabelle como objeto de estudo. Ao se apropriar de *Emigração e colonização*, é possível comparar as três regiões ali descritas, mas também comparar o próprio livro com outros relatos de viajantes e/ou com documentos dos mais variados formatos, como o relatório do presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Como entusiasta da emigração e da colonização, Isabelle soube captar o que cada espaço tinha de valioso para a realização do empreendimento colonizador. Portanto, seu olhar foi dirigido e pragmático. Aspectos geográficos e administrativos, clima, recursos naturais e industriais foram detalhados por Isabelle em três capítulos distintos. A leitura e a análise

dos referidos capítulos possibilitam uma visão comparativa entre os espaços sobre os quais o autor se debruçou.

Circularidade de ideias em *Emigração e colonização*

Como viajante, Isabelle conectou mundos reais e imaginários. Europa, Estados Unidos e Sul da América integram o que há de concreto na sua obra. Já o projeto de colonização, idealizado para três grandes regiões sul-americanas, permaneceu no plano imaginário, uma vez que inúmeras dificuldades impediram sua plena realização. Em ambas as situações, há um mundo de ideias à espera do leitor e/ou do pesquisador. A circularidade de ideias pode ser mapeada no contato de Isabelle com Andréia e no conhecimento que o viajante tem desses múltiplos espaços: Europa, Estados Unidos e Sul da América; Rio Grande do Sul, Uruguai e partes da Argentina; e Colônia alemã de São Leopoldo.³

Metodologicamente, é difícil separar todos esses aspectos. Quando Isabelle dialoga com Andréia, os interlocutores abordam temas como a Colônia alemã de São Leopoldo, a geografia da região em análise e o uso dos rios navegáveis. Em razão disso, as informações e a análise presentes no referido texto, muitas vezes, se aproximam e se conectam. De acordo com Augusto Meyer, autor do prefácio da edição de 1950 de *Emigração e colonização*, o relatório do presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Brasil, Francisco José de Sousa Soares de Andréia, teve forte influência sobre o viajante francês. O relatório, enviado a Isabelle pelo amigo Aimé Bonpland, “continha, no capítulo referente à agricultura, um projeto de colonização progressiva de grandes extensões latifundiárias”. (MEYER apud ISABELLE, 1950, p. 7).

Desse modo, o relatório do presidente da província, apresentado à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul em 1º. de junho de 1849, renovou o ânimo do viajante, naturalista e comerciante, que tinha a colonização de “vastas regiões inaproveitadas da América” (MEYER apud ISABELLE, 1950, p. 9) como uma das suas grandes preocupações. Tal foi o impacto do relatório de Andréia sobre Isabelle, que o autor reproduziu um fragmento do seu conteúdo:

Um dos maiores obstáculos que se opõem, nesta Província [do Rio Grande do Sul], ao progresso da agricultura e, mesmo, ao desenvolvimento da população, é a existência de grandes estâncias

(grandes fazendas), ou enormes desertos, cujos possuidores, dedicando unicamente – e mal – à criação de gado, gozam do direito de expulsar de seus campos famílias infelizes que não têm onde se acolher. (ANDRÉIA apud ISABELLE, 1950, p. 35).

Segundo Isabelle, Andréia não apenas apresentou o *mal*, mas propôs a solução para tal impasse: a colonização dessas vastas regiões por famílias que estivessem dispostas a ocupá-las e torná-las rentáveis. A Colônia alemã de São Leopoldo, conforme o autor, era o modelo que deveria ser seguido e tomado como referência. O sucesso desse primeiro empreendimento colonial da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul serviu de parâmetro para que o presidente da província formulasse uma proposta de reforma agrária na década de 1840, uma vez que a solução estaria na “divisão gradual das grandes propriedades, ou melhor, dos grandes desertos [...] para distribuição, em pequenos lotes, às famílias pobres”. (ISABELLE, 1950, p. 36). A leitura atenta e minuciosa do relatório de Andréia ratifica as palavras de Isabelle no que tange aos cuidados com a formação e ao inaproveitamento de grandes áreas provenientes de sesmarias. No subcapítulo sobre a agricultura, o presidente da província expressou toda a sua preocupação com esse tema. (ANDRÉIA, 1849, p. 10-11).

O modelo descrito e adotado por Isabelle foi a Colônia alemã de São Leopoldo, fundada em 1824, próxima de Porto Alegre, capital da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Em razão da proximidade geográfica com a capital, a Colônia obteve relativo êxito já em seus primeiros anos de existência. Por terra, mas principalmente pelo rio dos Sinos, a Colônia de São Leopoldo e de Porto Alegre se comunicavam com facilidade, o que permitiu o trânsito de pessoas e mercadorias pelo rio sinuoso e de águas mansas. Quando Isabelle chegou à Colônia alemã de São Leopoldo, ficou admirado e impressionado com o nível de desenvolvimento do comércio, da navegação e das propriedades agrícolas. O empreendimento, como um todo, foi alvo de suas observações e do olhar que tinha como bagagem as especificidades de um viajante e de um naturalista, mas também de um comerciante estrangeiro. Isso levou à formulação de muitos elogios em relação ao sucesso obtido pela população imigrante.

Tendo São Leopoldo como parâmetro, Isabelle passou a analisar que porções do território sul-americano poderiam receber imigrantes

para desenvolver essas áreas. Ao fazer isso, chamou a atenção das autoridades brasileiras, mas também das europeias, sobretudo das francesas, sobre a importância e os excelentes resultados que a colonização poderia proporcionar aos trabalhadores europeus e à nação receptora. Teodemiro Tostes analisa da seguinte forma a dedicação de Isabelle ao tema colonização:

Integrado na vida desta parte da América, Isabelle não se descuidava dos seus problemas nacionais e os discute com assiduidade nas colunas do seu jornal e também em monografias. Um tema que o apaixonava e absorvia é o da colonização destas vastas regiões da América por elementos europeus selecionados, à base das observações que recolhera em sua viagem à Província do Rio Grande. Não pode compreender que países tão propícios ao desenvolvimento de uma colonização daquele gênero preferissem conservar inaproveitados milhões de hectares de terras, a abrir suas portas à imigração, por meio de tratados inteligentes. Sofre ao pensar na multidão de proletários franceses que vegetam no desconforto e na miséria, enquanto, neste lado do Atlântico, há um solo virgem que só espera braços. (Apud ISABELLE, 2006, p. 15).

As observações de Isabelle sobre a Colônia alemã de São Leopoldo se aproximam das registradas por Andréia em seu relatório de 1º. de junho de 1849. Fundada em 1824, a Colônia de São Leopoldo já apresentava, em 1849, problemas graves em decorrência de seu crescimento. Talvez, por isso, a abertura de novos núcleos coloniais estivesse nos horizontes do presidente da província. Em determinado trecho do seu relatório, Andréia registrou que “manda estabelecer na Serra dos Tapes uma Colônia Agrícola, com a denominação de Colônia de S. Francisco de Paula. Expedirão-se logo as ordens à Câmara de Pelotas para proceder à escolha dos terrenos, tendo em vista q’ não precisava ser huma Colônia unida”. (ANDREA, 1849, p. 30). Essa informação foi complementada com dados disponibilizados na “10ª. Tabella”, na qual ficou registrado que os “transportes de Colonos, sustento dos mesmos, e fundos consignados para execução da Lei 143 de 21 de Julho de 1848, que criou a Colônia de S. Francisco de Paula” custaram aos cofres públicos o investimento de “32:700U000”. (ANDREA, 1849, s/p). Para Andréia, a ineficiência na demarcação dos lotes coloniais havia se constituído em um dos piores entraves para o bom andamento da Colônia de São

Leopoldo. A demora na medição das terras ocasionou inúmeros conflitos entre os colonos e entre esses e as autoridades locais. Alcoolismo e desesperança, insultos verbais e até mesmo brigas corporais passaram a integrar o cotidiano de agricultores e artesãos. Para o presidente da província, a quantidade de colonos chegados e precariamente assentados “tem tornado a Colonia de São Leopoldo maior do que era preciso”. (ANDREA, 1849, p. 8). A alternativa para desinchá-la seria criar novos núcleos de colonização, pois, para Andréia, “não devemos querer uma Allemanha entre nós”. (1849, p. 8). A contratação e o pagamento de um administrador ou diretor das colônias, que fosse capaz de orientar seus pares e servir como intermediador entre eles e o governo constituir-se-ia em uma medida eficaz para agilizar os trâmites burocráticos e apaziguar os mais descontentes com a morosidade do governo.

No texto introdutório da 1ª edição de *Emigração e colonização*, o qual é dedicado ao “Sr. John Lelong, cônsul geral da República Oriental do Uruguai, delegado da colônia francesa no Prata” (ISABELLE, 1950, p. 15), Isabelle dedicou algumas linhas à colônia francesa instalada no Prata e, sobretudo, chamou a atenção à necessidade de se incentivar a emigração e a colonização no Sul da América. Segundo Ernesto Morales,⁴

alrededor del año 1830, la colectividad francesa en el Río de La Plata era importante. Las luchas políticas habían arrojado de su país a muchos franceses cultos y liberales y algunos buscaron refugio en Sud-América. Arsenio Isabelle era uno de ellos. (Apud ISABELLE, 1983, p. 101).

A partir dessas primeiras considerações, percebe-se nitidamente que o livro publicado em 1850 e reeditado em 1950 – *Emigração e colonização* – é um tratado sobre os benefícios que a colonização estrangeira poderia proporcionar aos rincões sulinos da América. Não se trata de formulações inéditas; as novas informações, enviadas a Isabelle por Bonpland, dizem respeito aos projetos de colonização discutidos principalmente na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e que já estavam na pauta da reflexão, escrita e com publicação de Isabelle. Segundo o autor, o planejamento elaborado para a colonização do “litoral do Uruguai” seria perfeitamente viável e daria um “impulso extraordinário ao comércio e à indústria dessas regiões”. (ISABELLE, 1950, p. 37), principalmente porque o Rio Grande do Sul implantaria colônias “nas margens do Uruguai, em frente ao Paraguai”. (ISABELLE, 1950, p. 37).

No que tange a esse aspecto – a criação de colônias no Rio Grande do Sul e no Uruguai –, Isabelle estabeleceu intenso diálogo com Andréia. Nos subcapítulos sobre colonização e agricultura, o presidente da província ocupou-se de levantar e localizar os locais que seriam mais propícios à criação de novas Colônias estrangeiras no Rio Grande do Sul. Isabelle, do mesmo modo, destacou seus limites geográficos, os aspectos administrativos, como a capital com mais ou menos “15 mil almas”. (ISABELLE, 1950, p. 41), as comarcas e seus respectivos territórios, a população da província avaliada em torno de uns “250 mil habitantes, entre os quais 20 mil alemães” (ISABELLE, 1950, p. 45). No “Capítulo Terceiro”, Isabelle dedicou grande interesse aos rios e à navegação. O seu interesse pelas vias navegáveis foi tamanho que enumerou os rios mais importantes: Rio Grande, São Gonçalo, Jaguarão, Camaquã, Guaíba, Jacuí, Rio dos Sinos, Caí, Taquari, Vacacá, Santa Maria, Ibicuí-Guaçu e Uruguai. Informou o autor, ainda, que havia 39 outros rios navegáveis somente no inverno ou na época das chuvas, e 139 riachos e arroios não navegáveis. Afora isso, registrou a existência de inúmeros lagos e lagoas no território rio-grandense.

A quantidade de rios e lagoas e a capacidade de serem transportadas mercadorias e pessoas por suas águas mereceram especial atenção tanto de Isabelle quanto de Andreia. A partir de suas excursões, mas também da leitura atenta do relatório chegado às suas mãos, Isabelle aproximou-se do que Andreia havia observado em relação ao potencial fluvial de nossa província. O que há de original, ao se contemplar as duas escritas – do viajante e do governante –, é a ideia de se aproveitarem os recursos hídricos para pontuar Colônias estrangeiras de tal modo que o Rio Grande do Sul e o Uruguai ficassem conectados por essas novas áreas de investimento agrícola. Para o presidente da província, o sucesso dos projetos de colonização dependeria do uso eficaz dos meios navegáveis de que o Rio Grande do Sul dispunha. (ANDREA, 1849, p. 22-23).

Quanto à República Oriental (Uruguai), formada em 1828, Isabelle deu ênfase à sua formação como território independente, à forma de governo – república representativa – e à divisão em departamentos. De acordo com os números apresentados pelo autor, o Uruguai teria, em 1843, por volta de “230 mil almas”. (ISABELLE, 1950, p. 115). Do mesmo modo como procedeu em relação ao Rio Grande do Sul, Isabelle destacou os rios e a possibilidade de comunicação pelas suas águas. No entanto, o porto de Montevideu recebeu atenção especial do autor, pois as

condições favoráveis do local possibilitariam o agigantamento dos negócios. Em razão da presença francesa no Uruguai, os negócios envolvendo os franceses e/ou a França ganharam evidência nos relatos de Isabelle. Sua origem fez com que sua capacidade de observação e registro privilegiasse as iniciativas econômicas dos patrícios.

No que tange à Bacia do Prata, a terceira parte do livro inicia com uma exortação em defesa da imigração. A partir do Capítulo Décimo Quarto, Isabelle promoveu um discurso severo e ao mesmo tempo entusiasmado dirigido àqueles que discordavam das iniciativas referentes à imigração e colonização e se empenhou em mostrar os benefícios que os países europeus e os sul-americanos ganhariam com a saída de trabalhadores da Europa e a posterior fixação em território americano. Conforme as informações obtidas por Andréia, “de Hamburgo diz-se, que muitas famílias Allemans, se tivessem a certeza de que suas passagens lhes seriam pagas, virião procurar abrigo nesta Província”. (1849, p. 8). A título de exemplo e para dar destaque aos bônus que a imigração poderia proporcionar, Isabelle questionou se Montevidéu, a colônia alemã [de São Leopoldo] e os Estados Unidos não estariam em posição vantajosa graças à efetivação dos projetos imigratórios. Sobretudo em relação aos Estados Unidos, o autor dedicou muitas linhas para evidenciar os enormes ganhos obtidos pelos norte-americanos desde que a imigração se consolidou, Isabelle enfaticamente destacou:

E não esquecer, ainda, o que eram os Estados Unidos da América do Norte, não quando da descoberta, nem da época de sua independência, mas há vinte e cinco anos, apenas, e o passo de gigante que deram, daí para o presente, com o auxílio da grande emigração suíça, alemã, alsaciana e irlandesa, com seu espírito empreendedor e especulativo de comerciantes! Não foi depois da afluência de estrangeiros, de tôdas as nações civilizadas, que se formaram e se povoaram êses vastos Estados do Noroeste, de Michigan, do Ohio, de Illionois, de Indiana, de Missouri e de Arkansas. Que êsse magnífico cenário das maravilhas da indústria humana e do gênio comercial quase dobrou sua população. Que êsse território de um milhão e meio de milhas quadradas se cobriu de usinas, fábricas, gados de tôda espécie, campos cultivados, desde as fronteiras do Canadá até o golfo do México. [...] o que fez com que o geógrafo Adrien Balbi declarasse que nenhum outro país do globo terrestre empreendeu, em tão pouco tempo, mais obras grandiosas no gênero que os Estados Unidos. (ISABELLE, 1950, p. 160-161).

A partir do “Capítulo Décimo Sétimo”, Isabelle dedicou-se com afinco a apresentar seu projeto de colonização para a Bacia do Prata. O esboço idealizado pelo autor foi gestado a partir de intenso diálogo com seu amigo Bonpland e da leitura e estudo sistemático do relatório de Andréia. A ideia de assentar colonos às margens dos rios explica a dedicação de Isabelle em apresentar e descrever o potencial fluvial da região compreendida pelo Brasil, Banda Oriental, Paraguai, Bolívia, Corrientes, Entre Rios e Santa Fé. De acordo com o autor, “por que não apelaremos para nossos infelizes irmãos da França, da Itália, da Espanha, da Inglaterra e da Alemanha, a fim de que venham povoar estes desertos.” (ISABELLE, 1950, p. 186).

Ao fazer o seguinte questionamento – “de que precisa a América do Sul para emparelhar, senão ultrapassar sua irmã mais velha do Norte.” (ISABELLE, 1950, p. 187) – Isabelle enumerou uma série de medidas que os governantes deveriam adotar para o crescimento do continente sul-americano. Imediatamente, revoluções, lutas civis e disputas internas entre os militares deveriam cessar; no que tange à população, ela deveria ser ensinada a usar as ferramentas do artesão, as habilidades do comerciante, do economista, do sábio e do filósofo prático; ainda, os falsos preconceitos, decorrentes da colonização portuguesa e da espanhola, deveriam ser destruídos de tal modo que os americanos conseguissem confraternizar com outros estrangeiros, criar leis sábias, inteligíveis, liberais e protetoras, mas sobretudo

apelar, como fizeram os Estados Unidos, o Chile, o Brasil, a América Central, para os homens laboriosos, ativos, inteligentes, que moralizam e estimulam, pelo poder do bom exemplo, pelos laços de família e pela propriedade territorial, o caráter apático, desconfiado, manhoso, dissimulado, vingativo, ciumento e insubordinado do gaúcho. (ISABELLE, 1950, p. 187).

Com isso, dividir as grandes estâncias conforme o modelo que a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul adotaria com o objetivo de fundar Colônias e novos centros de população nas proximidades dos rios navegáveis; por último, utilizar as terras, as matas, as florestas, as minas, as pedreiras e todos os produtos naturais para o “bem-estar da Humanidade inteira”. (ISABELLE, 1950, p. 187).

As recomendações de Isabelle denunciam um homem complexo. O ser político, humanista, comerciante, visionário, mas também eurocêntrico, está presente na figura de Arsène Isabelle. Em duas de suas recomendações, o gaúcho e o índio foram usados como contraponto em relação ao homem branco europeu – laborioso, ativo e inteligente. Portanto, os pronunciamentos de Isabelle estão em sintonia com o relato deixado por muitos outros viajantes, que observaram o cenário americano a partir de suas lentes europeias. Saint-Hilaire, ao percorrer o Litoral Norte do Rio Grande do Sul, descreveu os três montes rochosos da atual praia de Torres. Para o viajante francês, os montes, também chamados de *torres*, constituiriam o que há de maior no cenário litorâneo; em contraste, estaria a aparência dos índios – com “fisionomia verdadeiramente ignóbil”. (WITT, 2012a, p. 272). Assim, Saint-Hilaire e Isabelle observaram e registraram a realidade sul-americana tendo sua origem – francesa – como um primeiro filtro, ou seja, os dois viajantes falaram a partir da sua própria vivência e experiência como europeu em solo estrangeiro.

A ênfase, portanto, estava na contribuição que o imigrante proporcionaria à sociedade hospedeira. Nessa lógica, o ente civilizador migraria da Europa para a América. As considerações de Norbert Elias, em *O processo civilizador*, permitem que se perceba, na visão de Isabelle, a formação do processo civilizador mediante a concretização de empreendimentos colonizadores. (ELIAS, 1993, 1994). O “Capítulo Décimo Oitavo” complementa as ideias defendidas nos capítulos anteriores. Em termos práticos, Isabelle argumentou que não se deveria dar preferência a nenhuma das nações europeias no que tange aos acordos sobre imigração. Sobre isso, afirmou o autor:

Assim como sempre pensamos que Montevideú e Buenos Aires não podiam prosperar sem se prestarem auxílio mútuo, isto é, permitirem e facilitarem a livre navegação duma à outra margem, ao invés de procurarem assegurar o monopólio do comércio estrangeiro, somos, igualmente, de opinião que nenhuma preferência deve ser concedida a uma nação, em relação a outra, na distribuição de terras e meios de trabalho. Seria conveniente seguir, a êsse respeito, o sistema adotado pelo govêrno brasileiro, mas numa escala muito maior, contrariando o menos possível os intentos e inclinações dos colonos. (ISABELLE, 1950, p. 192).

O contato e o país escolhido se dariam pelas circunstâncias do momento e não por determinismos e/ou acordos já estabelecidos. Da mesma forma, os colonos teriam a opção de escolher o país ou a região onde gostariam de morar e trabalhar. Ainda, no princípio, o ideal seria agrupá-los por nacionalidade e/ou grupos étnicos. A Colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, formada por agricultores e artesãos de fala alemã, seria um exemplo perfeito de como núcleos homogêneos responderiam satisfatoriamente no início do processo. Mais tarde, esses espaços seriam complexificados e dinamizados com a entrada de estrangeiros de outras nacionalidades. Para o autor, a coerção e as proibições em demasia afetariam o caráter industrioso dos imigrantes; por isso, seria importante permitir que escolhessem o local mais aprazível, de preferência próximo dos pares para se fixar. Em termos de organização, Isabelle considerava fundamental a criação de uma “agência geral de colonização” em Buenos Aires e Montevideú. A agência deveria ter conhecimento exato das terras disponíveis, bem como da sua situação e recursos; ter em seus arquivos cartas topográficas de cada um dos estados interessados nos negócios da colonização, assim como plantas particulares dos terrenos que seriam da fundação de Colônias e outros espaços. Desse modo, governo e demais entidades destinadas a promover a colonização estariam envolvidas no processo de seleção, deslocamento e fixação dos imigrantes através dessa agência.

Efetuando-se uma leitura rápida e superficial, tem-se a impressão de que há certa divergência entre a proposta elaborada por Andréia e por Isabelle. A partir de aspecto já discutido nesse texto, o governante estaria preocupado com o número de colonos instalados em um mesmo espaço. Para ele, a quantidade poderia levar à formação de uma Alemanha nos territórios brasileiros. No relatório, Andréia não menciona a questão da homogeneidade; questões raciais, étnicas ou de identidade estão subsumidas em seus escritos. Contudo, a quantidade seria o motor de propulsão para a criação de novos núcleos especialmente nos locais por ele apontados. Já para Isabelle, Colônias homogêneas poderiam, em um primeiro momento, agigantar a força dos colonos, não apenas a força braçal, mas o potencial de desenvolvimento na agricultura e no artesanato. Depois de se atingir um certo nível de progresso, a Colônia-mãe (também intitulada de Colônia Velha), deveria expulsar parte de seus membros, que migraria para outros rincões do Rio Grande do Sul.

Partindo dessa análise, a possível divergência entre as duas propostas se encontra mais no aspecto temporal do que na essência. Para Andréia, de imediato, a Colônia deveria comportar somente determinado número de colonos. Preenchido esse número, os novos imigrantes seriam deslocados para núcleos recém-fundados com terras já demarcadas. Isabelle, por sua vez, defende a ideia de que a Colônia poderia abrigar seus membros por um tempo maior até que estivesse madura para proporcionar o surgimento de outros núcleos. Se há pequenos aspectos que divergem, eles estão mais nos planos metodológico e operacional e menos no teórico e/ou ideológico.

De fundamental importância para Isabelle foi a orientação que deveria ser proporcionada tanto aos governos europeus quanto aos americanos sobre o modo de proceder em relação à execução dos inúmeros projetos de imigração. Nesse caso, as indagações de Jean Marcel Carvalho França em relação à literatura de viagem são pertinentes para se pensar a produção escrita de Isabelle: “Quem eram os homens que as escreviam [as narrativas]. A que público em geral se destinavam. De que estatuto de verdade gozavam. Que alcance tinham na sociedade de então.” (FRANÇA, 2012, p. 11). Desse modo, o autor colocou-se como uma espécie de agente – não aliciador –, como o Major von Schäffer, responsável pela vinda dos primeiros agricultores, artesãos e soldados alemães enviados ao Brasil, mas defensor e disposto a colaborar com os governos sul-americanos caso assim o desejassem. Em determinada passagem do livro, afirmou: “Eis o que tínhamos a pedir aos venturosos da terra americana. Quanto aos do Velho Mundo, o que temos, ainda, a lhes dizer é bem simples e bem fácil de compreender”. (ISABELLE, 1950, p. 199). Isto é, suas palavras foram dirigidas aos agentes que tinham condições de implementar os projetos de imigração que havia idealizado. O último parágrafo do “Capítulo Décimo Oitavo” sintetiza suas ideias:

Demonstramos as vantagens imensas que daí adviriam para estas belas e férteis regiões. Agora, faremos um apelo formal a todos os homens cultos, a todos os corações generosos deste vasto Continente – e o fazemos em nome da Humanidade e da Civilização – para que empreguem toda a sua influência em convencer os governos e, sobretudo, os povos americanos, da necessidade, melhor direi, da oportunidade de adotar um sistema de completa liberalidade para com os estrangeiros, sem distinção de bandeira. (ISABELLE, 1950, p. 202).

Apesar de didaticamente dividir o espaço percorrido e estudado em três partes, o autor o vê como uma única região. Ao abordar os diversos aspectos da província, da República Oriental do Uruguai e da Bacia do Prata, Isabelle comenta-os separadamente, em inúmeros capítulos, mas os compara sempre que percebe a necessidade de conectar os espaços que deveriam ser destinados à imigração e à colonização. O autor não deixa dúvida de que se trata de uma região com características muito parecidas, e que o fluxo contínuo de trabalhadores a partir da colonização é destinado ao conjunto e não a espaços diferentes, muito embora os governos fossem distintos. Ao analisar características geográficas e climáticas, fauna e flora, aspectos administrativos e burocráticos, Isabelle lançou um olhar holístico sobre a região que se dispôs a estudar. A frase inquietante de Anlene Gomes de Souza sobre o Rio de Janeiro – “investiga-se também o tipo de olhar que o Rio de Janeiro atraía para si” (SOUZA, 1996, p. 190) – faz com que se questione como a região percorrida e analisada pelo viajante atraiu o seu olhar. Afinal, o que havia nesses três grandes espaços, vistos como únicos por Isabelle, que despertou sua atenção.

Diferentemente de outros viajantes que se estabeleceram momentaneamente no Sul da América, Isabelle é um viajante, um naturalista e um comerciante que se fixou e morou muitos anos no Uruguai. Então, suas observações e seus registros foram construídos a partir da visão de um homem que se tornou sedentário, mas, ao mesmo tempo, circulou e pesquisou em uma região que que, hoje, compreende o estado mais sulino do Brasil – Rio Grande do Sul –, o Uruguai e parte da Argentina. Portanto, além de coletar espécies da fauna e flora e exemplares de minerais, o que seria próprio de um naturalista, Isabelle idealizou e tentou efetivar um projeto de colonização para essa vasta região. Por certo, as diversas atividades às quais se dedicou, como professor e funcionário burocrático do governo uruguaio, o capacitaram para conhecer não somente os homens do poder, mas também o jogo político que imperava entre os brasileiros, uruguaios e argentinos.

Mais do que exortar dirigentes europeus e sul-americanos em favor da imigração, o autor de *Emigração e colonização* viu, nos conflitos armados, de todos os tipos e de intensidades diferentes, um dos grandes empecilhos para o desenvolvimento do Sul da América. Portanto, os planos relativos à colonização só poderiam ser executados em um território que estivesse sob os auspícios da paz. A energia e os recursos gastos com

guerra e lutas civis deveriam ser canalizados para empreendimentos que visassem ao crescimento e ao desenvolvimento. Para a mente visionária de Isabelle, nenhum outro projeto deveria merecer maior crédito do que a fixação de trabalhadores europeus em solo americano.

No entanto, o apelo de Isabelle também foi dirigido ao povo americano. Segundo o autor, os americanos teriam herdado da dominação portuguesa e da espanhola *falsos preconceitos* em relação aos considerados estrangeiros. A desconfiança e a não aceitação do *outro* foram compreendidas como impeditivos para a criação de Colônias estrangeiras. A ênfase colocada nesse aspecto faz com que se questione se Isabelle, como viajante e estrangeiro, teria experimentado esse *falso preconceito* em sua estada no Uruguai e nos seus deslocamentos pela vizinhança. Como um *outsider*, talvez tenha conseguido captar características dos *estabelecidos* que somente eram visíveis aos olhos de alguém que chegou de fora e tentou se estabelecer entre os que já se sentiam americanos e não mais estrangeiros. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Nas muitas linhas do presente texto, estão algumas das ideias que Isabelle pensou, verbalizou, publicou e difundiu com o objetivo de conquistar simpatia para o seu projeto de colonização. Como viajante, conheceu a vasta região que compreende, hoje, parte do Sul da América; na condição de empreendedor, mesmo que visionário, elaborou um plano de trabalho que visava ao bem comum das famílias que estavam em condições precárias na Europa. No entanto, foi adiante ao tentar provar que a imigração poderia ser uma das grandes alternativas para os países americanos. Para defender o seu empreendimento, trocou ideias com autoridades europeias, norte e sul-americanas. Também dialogou com pessoas que estiveram no seu caminho, pois a descrição da paisagem dos espaços percorridos atesta que Isabelle conheceu, ouviu e trocou ideias com americanos e estrangeiros de todos os níveis e tipos sociais.

Emigração e colonização, de Arsène Isabelle, vai muito além de uma proposta de desenvolvimento econômico-social para determinada região. Os escritos do viajante demonstram que havia circularidade de ideias no Sul da América, na primeira metade do século XIX. Seu livro sustenta a tese de que a região estava em permanente contato com outras esferas – internacionais – como governos e governantes. Em pleno Oitocentos, a América deveria ser beneficiada com o ingresso de imigrantes europeus; tudo que orbitava em torno dos projetos de imigração estava carregado de teorias eugenistas, ideias de modernidade

e de progresso. Foi assim que Isabelle olhou para o seu entorno e projetou um grande desenvolvimento para a região que o acolheu e onde viveu por alguns anos.

Notas

¹ O “Relatório do Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o Tenente General Francisco Joze de Souza Soares de Andrea, na Abertura da Assembléia Legislativa Provincial, no 1º. de Junho de 1849, acompanhado do Orçamento da Receita e Despesa para o Anno de 1849-1850”, na íntegra, encontra-se disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/rio_grande_do_sul>. Acesso em: 2 abr. 2014. Os relatórios dos presidentes das províncias do Brasil foram digitalizados por *Center for Research Libraries* e estão disponíveis no site: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 12 maio 2014. Em relação ao nome de Andréia, percebem-se diferenças entre a grafia constante no relatório e a adotada no livro de Isabelle. Para o presente texto, com exceção das citações, optamos pela grafia apresentada no livro de Isabelle: Francisco José de Souza Soares de Andréa.

² A edição de 1950 não inclui nenhum tipo de mapa ou croqui das regiões percorridas pelo autor. De igual modo, há total ausência de desenhos ou pinturas que valorizem a descrição do espaço percorrido e, quiçá, destinado à colonização. Sem acesso à primeira versão, de 1850, não se pode afirmar se Isabelle inseriu imagens na versão original (mapas,

croquis, desenhos ou pinturas da fauna e flora, de aspectos geográficos e de construções materiais, como sede de fazendas).

³ Quando escrito com a inicial maiúscula, o termo *Colônia* designa o empreendimento agrícola onde colonos foram assentados, o qual, com o tempo, foi elevado à categoria de vila e cidade. Por sua vez, quando for redigido com a inicial minúscula, *colônia* terá seu significado vinculado à propriedade territorial recebida pelo imigrante onde morou, trabalhou e retirou sua subsistência. Dessa forma, a *Colônia* era dividida em muitas *colônias*. Já os termos *alemã*, *alemães* e *Alemanha* serão usados de forma genérica e representam os agentes históricos que falavam os inúmeros dialetos dos reinos e principados que mais tarde, em 1871, formariam a Alemanha. Ellen Woortmann, refletindo sobre o uso do termo *alemães*, resume esse impasse: “Aqueles que chegaram eram bávaros, renanos, frisios, saxões, ou mesmo austríacos, franceses e dinamarqueses, todos rotulados como ‘alemães’”. Como já mencionei, nas ‘picadas’ organizadas pelo governo brasileiro foram assentados renanos vizinhos de bávaros ou de austríacos, embora em alguns lugares pudessem ter prevalecido migrantes de

uma região específica [...]. Essa heterogeneidade resultou numa espécie de ‘reinvenção das tradições’ sob forma de uma negociação que resultou numa ‘tradição teuto-brasileira’: dialeto de uma região; hábitos alimentares de outra [...]; religião de uma terceira. (WOOTMANN, 2000, p. 218).

⁴ Em 1943, foi publicada em Buenos Aires a obra *Viaje a Argentina, Uruguay y Brasil, en 1830*, de Arsène Isabelle, cuja tradução é de Pablo Palant e notícia biográfica sobre Isabelle, de Ernesto Morales (DE LAYTANO apud ISABELLE, 1983, p. 101).

Referências

ANDREA, Francisco José de Souza Soares de. *Relatório do presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Typ. do Porto Alegrense, 1849.

BAGUET, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Edunisc; Florianópolis: Paraula, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998. vs.1 e 2.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DOMINGUES, Ângela. O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: Anpuh, v. 28, n. 55, p. 133-152, jan./jun. 2008.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994. v. 1.

_____. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993. v. 2.

_____; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. De terra de ninguém à terra de muitos: olhares viajantes e imagens fundadoras (do século XVII ao XIX). In: CAMARGO, Fernando, GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloisa (Org.). *Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 273-307. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*. São Paulo: J. Olympio; Edunaesp, 2012.

FREIXA, Consol. *Los ingleses y el arte de viajar: una visión de las ciudades españolas en el siglo XVIII*. Barcelona: Serbal, 1993.

- GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Trad. de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.
- HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: M.s Fontes, 1992.
- ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul*. Trad. e nota sobre o autor de Teodemiro Tostes; introdução de Augusto Meyer. Brasília: Senado Federal: Conselho Editorial, 2006.
- ISABELE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Trad. de Dante de Laytano. Porto Alegre: M. Livreiro, 1983.
- ISABELE, Arsène. *Emigração e colonização na província brasileira do Rio Grande do Sul, na República Oriental do Uruguai e em toda a Bacia do Prata*. Trad. de Belfort de Oliveira. Rio de Janeiro: Souza, 1950.
- KALIMAN, Ricardo J. *La palabra que produce regiones: el concepto de región desde la teoría literaria*. Programa Tucumán en contexto de los Andes Centromeridionales, Documento de Trabajo n. 3, Universidad Nacional de Tucumán, 1994.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARQUIEGUI, Dedier Norberto. Migraciones tempranas y redes sociales: un enfoque comparado a propósito de los españoles e irlandeses de Luján. In: DE CRISTÓFORIS, Nadia; FERNÁNDEZ, Alejandro (Org.). *Las migraciones españolas a la Argentina: variaciones regionales (siglos XIX y XX)*. Buenos Aires: Biblos, 2008. p. 109-131.
- MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. Trad. de Selená Benevides. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1978.
- MELLO, Bruno César EufRASIO de. *A cidade de Porto Alegre entre 1820 e 1890: as transformações físicas da capital a partir das impressões dos viajantes estrangeiros*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- OBERACKER, Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros. In: HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 119-131. n. 3, t. II, v. 1.
- PÊCHEAX, Michel. *Hacia el analisis automático del discurso*. Madrid: Gredos, 1975.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: Edusc, 1999.
- QUINTANEIRO, Tânia. Sobre viagens e viajantes. In: _____. *Retratos de mulher: a Brasileira vista por viajantes ingleses e norte-americanos durante o século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- _____. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH; Humanitas Publicações, v. 22, n. 44, 2002. Dossiê Viagens e Viajantes.
- ROSCIO, Francisco João. Compêndio noticioso do Rio Grande de São Pedro até o distrito de Santa Catarina. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, v. 22, n. 3-4, 1942.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. 4. ed. Porto Alegre: M. Livreiro, 2002.
- _____. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

SOUZA, Anlene Gomes de. O estrangeiro e a cidade: o Rio de Janeiro e o imaginário da viagem. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, p. 189-198, 1996.

SPLIESGART, Roland. “*Verbrasilianerung*” und *Akkulturation*. Deutsche Protestanten im brasilianischen Kaiserreich am Beispiel der Gemeinden in Rio de Janeiro und Minas Gerais (1822-1889). Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2006.

TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização social dos imigrantes: a colônia de São Leopoldo na fase pioneira – 1824-1850*. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

VASCONCELOS, Sandra. Independência e dependência: as viagens de Maria Graham no Brasil. In: AGUIAR, Flávio (Org.). *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o*

histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997.

WITT, Marcos Antônio. Visões litorâneas: o Litoral Norte do Rio Grande do Sul sob o olhar de Saint-Hilaire, Seidler e Roquette-Pinto. *Revista Estudos Ibero-Americanos*, v. 38, número suplementar, p. 269-280, nov. 2012a. (Dossiê História, literatura e mito: viajantes europeus na América do Sul).

WITT, Marcos Antônio. Metamorfose paisagística: o visto e o não visto nos relatos de Saint-Hilaire e de Seidler (Rio Grande do Sul – século XIX). *Revista Confluenze*, Dipartimento di Lingue e Letterature Straniere Moderne, Università di Bologna, v. 4, n. 1, p. 92-101, 2012b. ISSN 2036-0967,

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: UFRGS, ano 6, n. 14, p. 205-238, nov. 2000.